

PERFORMANCE ALGORÍTMICA E REGIMES DE (IN)VISIBILIDADE LGBTQIA+ NA PLATAFORMA NETFLIX

Anderson Gomes Paes Barretto

Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, andersonpbarretto@gmail.com;

Carolina Dantas de Figueiredo

Professora orientadora: doutora, Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, caroldanfig@gmail.com.

Resumo

O trabalho proposto apresenta uma discussão em torno da aproximação entre as práticas e conceitos algorítmicos e os estudos de performance. Para isso, recorre à análise da relação entre a plataforma de streaming Netflix e sujeitos LGBTQIA+, em suas dinâmicas de consumo audiovisual. A pesquisa apontou a existência de regimes de visibilidade algorítmica que atuam por meio de bolhas performativas capazes de isolar e invisibilizar ainda mais essa população. Por fim, o artigo destaca a potência do conceito de “performances algorítmicas” como um importante operador analítico, conceitual e metodológico para estudos futuros.

Palavras-chave: Performance Algorítmica, Regimes de Visibilidade, LGBTQIA+, Netflix.

Introdução

O artigo aqui apresentado parte da noção da economia da visibilidade, apontada por Banet-Weiser (2015) para compreender um fenômeno comum no âmbito das plataformas algorítmicas digitais: os regimes de visibilidade e invisibilidade na representação de identidades na sociedade contemporânea. O nosso objetivo aqui é provocar uma reflexão acerca do mecanismo algorítmico (BRUNO, 2013) da plataforma Netflix, que é capaz de invisibilizar conteúdos de performatividade LGBTQIA+ em seu processo de recomendar conteúdos aos seus usuários. Além disso, é nosso objetivo também propor a noção de bolha performativa, condição que é fruto do isolamento performativo executado pela plataforma no sentido de invisibilizar conteúdos de representatividade LGBTQIA+.

Com base numa observação empírica, foi constatado o fato de que conteúdos, filmes e séries, cujas temáticas evidenciam a representatividade da população LGBTQIA+ são sujeitos a processos de invisibilização na plataforma Netflix, o que ocorre especialmente de duas maneiras: a categorização específica “LGBTQ” como redutora dessas performatividades (BUTLER, 2019) e a criação de filtros-bolha (PARISER, 2011) capazes de limitar as escolhas dos usuários, mediante a ação dos algoritmos da Netflix, que então isolam os usuários num universo limitado de recomendações baseado em seus históricos de consumo na plataforma.

Metodologia

A partir de uma observação empírica que constatou a presença de uma assimetria entre as representações das performatividades LGBTQIA+ e heterocentradas (PRECIADO, 2014) na Netflix, foram realizadas buscas no campo de pesquisa da plataforma. Para não enviesar os resultados, uma vez que as contas pessoais dos pesquisadores certamente já estão “contaminadas” com o consumo de conteúdos relacionados à representatividade LGBTQIA+, essas buscas foram realizadas na criação de um novo perfil. Desse modo, buscas temáticas foram realizadas inicialmente com base em termos categóricos relativos a gêneros cinematográficos genéricos como “comédia”, “romance” e “drama”, gêneros que mais comumente representam situações de

relacionamento amoroso. Diante da verificação de que os conteúdos de representatividade LGBTQIA+ não apareceram nos resultados, partimos para um segundo momento em que foram realizadas buscas mais específicas a partir de termos como “Comédia Gay”, “Comédia LGBTQ”, “Drama LGBTQ” e afins. Após um grande volume de resultados encontrados com a representatividade LGBTQIA+, foi verificado nesse segundo momento que é necessário buscar termos que mencionem a questão da sexualidade para que os resultados LGBTQs apareçam na plataforma. Foi verificado, portanto, que há sim a presença de um filtro-bolha capaz de invisibilizar conteúdos de representatividade LGBTQIA+ na Netflix.

Além disso, foram observadas a presença de categorias temáticas genéricas como “comédia”, “drama” e outras, que não apenas invisibilizam conteúdos de representatividade LGBTQIA+ como também reduzem essas performatividades a uma categoria específica “LGBTQ”. Esta categoria, ou especificação temática, somente é recomendada, acreditamos, a usuários que de algum modo já mantêm em seus históricos de uso da plataforma conteúdos relacionados a essa população.

Diante desses achados iniciais, buscas conceituais foram realizadas em bancos de artigos, capítulos de livros e anais de congressos acerca da performatividade algorítmica e da presença de filtros-bolha, tendo como enfoque principal as contribuições de Bruno (2013) acerca dos conceitos de algoritmo e performatividade algorítmica; Butler (2019) em seus estudos sobre as performatividades de gênero e processos de sujeição; Pariser (2011) acerca da noção de filtro-bolha em plataformas algorítmicas; e Banet-Weiser (2015) em suas contribuições sobre os regimes, políticas e economias da visibilidade. Diante desse aporte teórico, buscamos uma base para a proposição do conceito de bolha performativa.

Referencial teórico

O contexto midiático atual, marcado pela crescente plataformização da vida, está diretamente relacionado à presença de dispositivos de visibilidade. Esses dispositivos, de acordo com Bruno (2013), estão submetidos às políticas do olhar e da atenção na sociedade contemporânea. Nesse mesmo sentido, as políticas do visível, entendidas por Banet-Weiser (2015, p. 55) como o “processo de tornar visível uma categoria política (como gênero ou raça) que tenha sido e permaneça

historicamente marginalizada na mídia, legislação, políticas etc”, se fazem presentes no cotidiano na forma de economias da visibilidade.

Nesse contexto, indivíduos são o tempo inteiro hipervisibilizados enquanto as políticas são deixadas para segundo plano. Desse modo, os indivíduos são identificados sobretudo a partir do status econômico. De fato, o fator econômico é priorizado dentro desses regimes em que o que é visível só o é pela própria condição de se fazer visível. É uma lógica que amplia a visibilidade do que já está visível e que, para Banet-Weiser (2015), visibiliza somente aquilo quem tem a capacidade de se tornar e permanecer visível, ou economicamente viável.

Sob essa perspectiva, para Foucault (2008), certos corpos políticos são mais visíveis do que outros, tudo isso, sob um regime econômico que obedece ao pensamento neoliberal, um mecanismo estrutural da sociedade contemporânea que considera a economia mais fundamental do que a própria política. De acordo com Bonorandi (2017), de fato há a priorização de um mundo consumível em detrimento das próprias liberdades individuais. E é justamente esse o caminho percorrido pelas plataformas digitais algorítmicas contemporâneas que, submetidas a essa economia da visibilidade, criam um mundo inventado, no qual a realidade visível é construída com base no que é economicamente rentável. Ou seja, trata-se de uma postura neoliberal posta em prática.

Os algoritmos são definidos como “uma série de instruções delegadas a uma máquina para resolver problemas pré-definidos” (MACHADO, 2018, p. 48). E mais, eles estão presentes em praticamente todas as funções executadas na internet, como mecanismos de busca em plataformas como Google e redes sociais como Facebook, Twitter e Instagram, por exemplo, além dos sites de compras, serviços de e-mails e aplicativos de celular.

Machado (2018) acrescenta que os algoritmos vão além de sua função meramente organizacional de viabilização do uso das plataformas, pois possibilitam não apenas a coleta como também a análise massiva e automatizada de dados de seus usuários. Para Morozov (2018), o cenário atual do extrativismo de dados por plataformas digitais algorítmicas é fruto desse contexto neoliberal que converte tudo em formas de captar dados, antecipando os comportamentos dos indivíduos ao ponto de ofertar a todas as pessoas maneiras cada vez mais precisas de fazê-las consumir. É o que Bruno et al (2019) chamam de laboratório de plataforma, ou seja, a combinação da captura e da manutenção dos dados dos usuários pelas plataformas algorítmicas,

de modo que sejam aprimoradas as suas operações a partir da atividade constante dos usuários. E isso acaba por contribuir diretamente para o crescente aprendizado da máquina em sua inteligência artificial.

Diante disso, é possível entender todo esse processo como uma verdade criada, na qual plataformas algorítmicas não apenas reproduzem posturas governamentais como regem as próprias subjetivações dos indivíduos. Assim, essas plataformas acabam fazendo com que os indivíduos em sociedade estejam presos a um sistema cíclico de consumo retroalimentado por um mecanismo capaz tanto de limitar certas liberdades individuais quanto invisibilizar identidades já vulneráveis na sociedade. É o caso a representação da população LGBTQIA+ na plataforma Netflix, nosso objeto de estudo aqui nesse trabalho.

Netflix é um dos serviços mais promissores no rol das plataformas de transmissão contínua, ou *streaming*, de conteúdos audiovisuais, fazendo-se presente atualmente em mais de 190 países (NETFLIX, 2021). A Netflix funciona de modo a recomendar títulos de filmes e séries audiovisuais de acordo com as escolhas de cada usuário em seu histórico pessoal de uso. Sendo assim, a Netflix se enquadra na categoria de plataforma algorítmica de recomendação, isto é, um tipo de plataforma na qual seus algoritmos não só aprendem com o histórico do usuário como passam a recomendar conteúdos com base nesse aprendizado. Para Baldárrago (2012), o sistema de recomendação contribui até mesmo para a tomada de decisão, comprovando assim o poder algorítmico de conduzir as escolhas dos usuários. Logo, considerando que as decisões do usuário são tomadas com base naquilo que está visível para ele, trata-se de uma escolha limitada, reduzida, uma vez que é condicionada pelo algoritmo, que é invisível.

Nesse sentido, a Netflix, enquanto plataforma algorítmica de recomendação, promove regimes de visibilidades e invisibilidades, especialmente pelo fato de que cada usuário tem uma visão particular dos filmes e séries recomendados pela plataforma. Desse modo, um filme pode ser recomendado a um usuário cujas preferências se assemelham a outros usuários diferentes, mas com histórico similar. Nesse sentido, os bancos de dados podem ser considerados verdadeiros mecanismos individualizantes, já que etiquetam usuários a partir do cruzamento de dados afins. Entretanto, esses algoritmos, ao recomendarem conteúdos que foram consumidos por um número considerável de usuários, confirma o seu mecanismo de visibilização

centrado no que é mais rentável, no que já está no plano do mais potencialmente visível. (BRUNO, 2013)

A Netflix obedece a regras preestabelecidas para executar automaticamente uma tarefa que proporciona maior conforto ao usuário. Um bom desempenho da plataforma, portanto, equivale a uma boa performance algorítmica. Para Bruno (2013), o algoritmo é um mecanismo performativo por conta de sua proatividade ao recomendar conteúdos, especialmente por ser capaz de antecipar o futuro no presente, afinal, os algoritmos performam uma potencialidade. Para Bitencourt (2019), já que os algoritmos são tão sensíveis à experiência e capazes de evoluir a partir dela, podem sim ser considerados performativos.

O nível de precisão do algoritmo da Netflix é tão alto que chega a ser capaz de detectar até a “ansiedade” daquele usuário que costuma avançar cenas ou pular capítulos de uma série. O algoritmo tem o poder de detectar ainda a “indecisão” de alguém que tem como hábito iniciar vários conteúdos e não finalizar nenhum, por exemplo. Assim, o perfil de um usuário é utilizado como dado para uma elaboração de categorias de condutas, inclusive preconizando futuros comportamentos, interesses e até traços psicológicos. Para Bruno (2018), esse mecanismo obedece a uma verdadeira economia psíquica dos algoritmos.

E isso está diretamente relacionado ao contexto neoliberal, afinal, de acordo com Bonorandi (2017, p. 30), o neoliberalismo pode ser entendido também como “um modo de produção de subjetividades, onde os indivíduos e seus afetos em relação a si e os outros estão em jogo”. Assim, podemos afirmar que plataformas como a Netflix não só acumulam capital em grande escala como também influenciam subjetivações e impactam diretamente nos comportamentos dos usuários. Desse modo, partindo do princípio de que cada conteúdo, filme ou série, é capaz de representar identidades, a Netflix pode simplesmente dar visibilidade a uma representatividade ao mesmo tempo em que invisibiliza outra. Logo, é fato que as plataformas algorítmicas, sujeitas ao regime do visível/invisível, podem sim reforçar exclusões sociais.

De acordo com Carrera e Carvalho (2020), outras plataformas como bancos de imagens geralmente invisibilizam a representatividade das identidades negras quando são buscados termos como “família”, por exemplo. O algoritmo dessas plataformas privilegia em seus resultados imagens de famílias brancas, sendo necessário

buscar por “família negra” para que apareça algum resultado com essa representatividade. Trata-se de uma lógica muito semelhante à representatividade da população LGBTQIA+ no algoritmo de recomendação da Netflix, um mecanismo redutor e invisibilizante que, segundo Silva (2020), tem o hábito de reproduzir relações de poder e opressão já existentes na sociedade.

Banet-Weiser (2015) acrescenta que tanto as políticas quanto as economias da visibilidade compõem as chamadas políticas da representação, o que significa dizer que, de fato, as representatividades estão submetidas a disputas de poder, que ora sujeitam ora legitimam identidades. E isso também é percebido no fato de que a possibilidade da circulação de conteúdos de representatividade LGBTQ esteja limitada aos usuários que mantenham em seus históricos de uso o consumo de conteúdos categorizados como “LGBTQ”.

Pariser (2011) diz que o algoritmo, em plataformas como a Netflix, busca melhorar a experiência dos usuários, recomendando conteúdos cada vez mais próximos aos seus interesses, já que está a todo instante coletando e interpretando dados dos usuários e de seus semelhantes. Disso advém outro problema: a criação dos chamados filtros-bolha, ou seja, bolhas de conteúdos temáticos só acessíveis a quem já mantém em seu histórico alguma experiência prévia de consumo desse mesmo conteúdo temático. E desse modo, os algoritmos de recomendação se limitam a recomendar conteúdos dentro dessa bolha temática, filtrada pelo histórico na plataforma. O que praticamente acaba isolando o usuário e limitando as escolhas.

A nova geração de filtros on-line examina aquilo de que aparentemente gostamos – as coisas que fazemos, ou as coisas das quais as pessoas parecidas conosco gostam – e tenta fazer extrapolações. São mecanismos de previsão que criam e refinam constantemente uma teoria sobre quem somos e sobre o que vamos fazer ou desejar a seguir. Juntos, esses mecanismos criam um universo de informações exclusivo para cada um de nós – o que passei a chamar de bolha dos filtros – que altera fundamentalmente o modo como nos deparamos com ideias e informações (PARISER, 2011).

Nesse sentido, um filtro-bolha (PARISER, 2011) nada mais é do que uma assimetria algorítmica que isola o usuário no universo

limitado dos conteúdos que supostamente lhe interessam. Logo, há toda uma quantidade de outros conteúdos que deixam de ser visualizados pelo usuário, e que podem jamais ser consumidos por ele na plataforma – a não ser que se recorra a uma busca específica no campo de pesquisa. Sendo assim, o que chega ao usuário finalmente é aquilo que o algoritmo entende como potencialmente consumível e aprovável. Não é uma escolha do usuário, já que ele está sujeitado a um poder matemático (O'NEIL, 2020) controlador das instâncias anteriores à “decisão” que lhe é ofertada. Para Morozov (2018), essa regulação algorítmica não deixa de ser uma ferramenta contrária à democracia.

Resultados e discussão

Na Netflix, os títulos cujas temáticas evidenciam representatividades LGBTQIA+ aparecem de duas maneiras principais que serão destacadas a seguir: a) sob a generalização e conseqüente invisibilização dessas identidades em categorias temáticas de conteúdos na plataforma; e b) sob a limitação na recomendação de títulos de representatividade LGBTQIA+, que são recomendados sobretudo aos usuários que já possuem em seus históricos o consumo prévio de algum conteúdo relacionado.

É importante lembrar que a Netflix não apenas sugere conteúdos específicos, como lançamentos, títulos originais e listas de sugestões de gêneros cinematográficos do tipo “drama”, “suspense” ou “comédia”, por exemplo. A plataforma cria também listas personalizadas com recomendações para cada usuário, algumas bem específicas do tipo “Quem assistiu X, também gostou de Y”, além de listas de recomendações intituladas “Porque você gostou do filme X” e outras afins. Nesse sentido, conteúdos de representatividade LGBTQIA+ aparecem em categorias como “Filmes LGBT” ou “Séries LGBT”, por exemplo. Mas, obviamente, não são encontradas na plataforma listas de recomendação intituladas “Filmes Héteros” ou “Romances Heterossexuais”. Não que se deva, afinal, filmes e séries devem ser enquadrados nos gêneros cinematográficos a que pertencerem, independente do tipo de relação homossexual/heterossexual que venham a representar. Porém, no caso da Netflix, para se ter acesso a um romance ou comédia de representatividade homoafetiva é necessário buscar por termos mais específicos (ou redutores) no campo de pesquisa. Ou é preciso já

se ter no histórico de consumo algum conteúdo que esteja de algum modo relacionado a essa “categoria” temática “Gay” ou “LGBTQ”. Assim, quando um filme do gênero comédia com a representatividade LGBTQ é enquadrado como “Filme LGBTQ” e não como uma comédia, a plataforma acaba provocando uma assimetria em seu mecanismo de visibilização/invisibilização de conteúdos com representatividade LGBTQ, visto que comédias com relações normativas não necessitam dessa especificidade.

Essa assimetria nada mais é do que uma maneira de tornar visível o que já está no campo do visível e que, alinhado com a própria noção da economia da visibilidade (BANET-WEISER, 2015), se mostra mais potencialmente consumível, pois já está visível. Trata-se de uma matemática que acaba por reproduzir estratégias de invisibilização de uma representatividade já vulnerabilizada no meio social. Desse modo, fica claro o modo como, nesse ponto, a Netflix contribui para a postura neoliberal de priorizar a economia à representação dos corpos políticos, afinal, os conteúdos representativos da sexualidade heterossexual já estão no campo do visível e recomendável, logo, são conteúdos que trazem retorno maior financeiro à plataforma, que tem como objetivo básico manter os seus usuários o maior tempo possível nela, mesmo que para isso formule uma realidade contruída pelo trabalho de seus algoritmos regidos por essa economia da visibilidade.

É o algoritmo quem seleciona o visível dentro do catálogo geral, construindo os filtros necessários para dar visibilidade somente aos conteúdos que o próprio algoritmo julga como relevantes e que “merecem” chegar ao usuário. Portanto, esse filtro-bolha é o que nos apresenta “um certo mapa da rede onde os caminhos traçados são nossas supostas preferências projetadas por algoritmos que monitoram e mineram nossos cliques e navegações” (BRUNO, 2013, p. 171).

Portanto, propomos aqui a noção de bolha performativa para nos referir ao filtro-bolha invisibilizador das performatividades não normativas, como é o caso da população LGBTQIA+ e suas representatividades na plataforma algorítmica Netflix. Nessa plataforma, o algoritmo de recomendação trabalha no sentido de recomendar conteúdos de performatividades normativas, heterocentradas, no caso, de modo a privilegiar conteúdos que supostamente são mais “relevantes” ao público “em geral”. Sendo que essa generalização, por mais que aparentemente inofensiva, tem o poder de promover assimetrias que reduzem, segregam e inferiorizam as identidades LGBTQIA+. Assim, essa bolha performativa

é capaz de otimizar as buscas e as escolhas de usuários interessados em “conteúdos LGBTQ” na plataforma, entretanto, os usuários em cujos perfis os algoritmos nunca tiveram contato com conteúdos de performatividades LGBTQIA+ continuam consumindo apenas representatividades heterocentradas, fortalecendo a histórica manutenção da subjetividade LGBTQIA+ em guetos, no caso, filtros-bolhas excludentes que aqui passamos a chamar de bolhas performativas. A bolha performativa, portanto, funciona como mais um modo de promover assimetrias e isolamentos de performatividades não normativas, de segregar identidades não dominantes na sociedade e que, por isso mesmo, não se mostram rentáveis economicamente, pelo menos para o algoritmo desse tipo de plataforma. Criar bolhas performativas é algo que vai além do simples fato de apontar o que cada pessoa deve consumir. É limitar o visível a partir de filtros e categorias que têm o poder de promover invisibilizações na representação de performatividades não normativas. Não incluir ou não promover igualdade na escolha por parte dos usuários em relação aos conteúdos LGBTQIA+ é agir contra a diversidade, contra a liberdade de escolha e até mesmo contra a democracia.

Considerações finais

Sabemos que o algoritmo tem o poder sobre o usuário e não o contrário. Afinal, o algoritmo se alimenta dessa vulnerabilidade do usuário, oferecendo a ele um limitado mundo visível continuamente personalizado. Trata-se, portanto, de uma espécie de regime de visibilidade, uma maneira de distribuir o visível, um modo de regular “o estatuto dos corpos representados e o tipo de atenção que merecem” (RANCIÈRE, 2012, p. 96).

Para Rancière (2012, p. 96), os regimes de visibilidade são capazes de criar “certo senso de realidade, certo senso comum”, logo, quando relacionamos esse conceito à performance algorítmica da Netflix, entendemos como uma população pode ser representada por meio da visibilização de um conteúdo audiovisual de modo a tornar naturalizada a sua presença na plataforma. Porém, por meio da invisibilidade algorítmica, uma população historicamente já invisibilizada pode permanecer numa espécie de “limbo”, sendo então acessada e consumida apenas por seus pares. A performance algorítmica da Netflix não deixa de ser um modo de manutenção da heteronormatividade, historicamente pautada na ação de invisibilizar os corpos que destoam dela.

Os regimes de visibilidade reforçam as assimetrias, apontadas aqui no contexto das bolhas performativas dos algoritmos de recomendação de uma das mais presentes e potentes plataformas audiovisuais do mundo contemporâneo. Para Rancière (2012), toda imagem tem a sua potência política, logo, a presença de corpos políticos historicamente já invisibilizados urge por uma maior participação política, econômica, cultural e social. E essa postura mercadológica legitimada pelo poder neoliberal não apenas abala a democracia, como alarga as assimetrias que provocam reduções na emancipação de populações como a LGBTQIA+.

Referências

BALDÁRRAGO, Arturo Elias. **Abordagem de recomendação baseada em conteúdo utilizando ontologia fuzzy de domínio e ontologia crisp de preferência do usuário** (Dissertação de mestrado). São Carlos: UFSCar, 2012. Disponível em: < <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/502/4477.pdf?sequence=1&isAllowed=y> >. Acesso em: 15/01/2020.

BANET-WEISER, Sarah. Keynote address: media, markets, gender: economies of visibility in a neoliberal moment. **The Communication Review**, Charlottesville, v. 18, n. 1, p. 53-70, 2015. BITENCOURT, Elias Cunha. **Smartbodies – corpo, tecnologias vestíveis e performatividade algorítmica: um estudo exploratório dos modos heurísticos de corporar na plataforma Fitbit** (tese de doutorado). Salvador: UFBA, 2019.

BONORANDI, Giuliano Djahjah. **Neoliberalismo, redes e afetos: uma cartografia da experiência espanhola** (tese de doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.

BRUNO, Fernanda. **Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

BRUNO, Fernanda. Visões maquínicas da cidade maravilhosa: do centro de operações do Rio vila autódromo. In: BRUNO, F.; CARDOSO, B.; KANASHIRO, M; GUILHON, L. MELGAÇO, L.(Org.). **Tecnopolíticas da vigilância: perspectivas da margem**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRUNO, Fernanda; BENTES, Anna Carolina Franco; FALTAY, Paulo. Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. In: **FAMECOS**, v. 26, n. 3, 2019. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/33095>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CARRERA, Fernanda; CARVALHO, Denise. Algoritmos racistas: a hiper-ritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais. In: **Galaxia**, n. 43, jan-abr. 2020, p. 99-114.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento da biopolítica**. Curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MACHADO, Débora. A modulação de comportamento nas plataformas de mídias sociais. In: MOROZOV, Evgeny. **Big Tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu, 2018.

NETFLIX. **Onde a Netflix está disponível?**. Disponível em: <<https://help.netflix.com/pt/node/14164>>. Acesso em: 03/01/2021.

O'NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa**. Rio de Janeiro: Editora Rua do Sabão, 2020.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PRECIADO, Paul. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: N-1 Edições, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SILVA, Tarcísio. Racismo Algorítmico em Plataformas Digitais: micro-agressões e discriminação em código. In: **Anais do VI Simpósio Internacional LAVITS**. Salvador, Bahia, Brasil. 2019.